

PROTAGONISTA DO DIA

Orlando Alves
Presidente da Câmara Municipal de Montalegre

“Tenho alguma dificuldade em entender as mentes brilhantes da urbe, que não têm capacidade para perceber o que se passa no mundo rural”



REPORTAGEM

“Os javalis entram nas terras e dão cabo de tudo”

Agricultores de Montalegre deixaram de fazer sementeiras, pois já não compensam, e exigem intervenção do Governo

Eduardo Pinto
locais@jn.pt

AGRICULTURA A caminho de um terreno onde tem centeio semeado, João Rua vai apontando para todo o lado. “Está a ver? Tudo fuçado! Os javalis entram nas terras e dão cabo de tudo”, insiste o agricultor de Codeçoso, Montalegre. Nas outras aldeias do concelho, a mesma coisa. “Já deixei de semear, não vale a pena”, lastima António Pires, em Castanheira.

O ódio ao javali aumenta a cada ano que passa. A população tem aumentado muito. As medidas de con-

trole têm sido poucas. João Rua, 56 anos, chega ao quase hectare de centeio viçoso e desenrola o lamento: “Lá para junho, quando estiver criado, com grão, virão os javalis esbandalhar tudo. Vão comer, dormir e fazer o serviço (necessidades). Quando vier a debulhadora, nem a palha conseguirá apanhar. Haveria de dar 100 fardos, mas dará metade ou menos. Haveria de dar 30 sacos de centeio, mas dará 10, o que semeei”.

É neste terreno que João Rua recorda o seu pior embate com a realidade dos javalidos. “Plantei 800 quilos de batatas e deviam render

uns sete mil, mas só apanhei três mil. Tive um prejuízo de dois mil euros”.

Nas terras onde João tem milho, ainda foi pior. “Nem uma cana de lá tirei, quanto mais uma espiga!” “Só vendo é que se acredita”, torna António Pires, 73 anos, que de um campo de milho tirou apenas “50 canas”. “Nunca se viram lameiros fuçados ou centeios e milhos destruídos como agora”, lamenta, enquanto João faz uma comparação: “Há 30 anos, havia 500 javalis, hoje haveria cinco mil ou mais, só em Montalegre”. “Se não tomarem conta de nós, a agricultura



As pegadas dos javalis são visíveis em todo o lado. João Rua, em cima, e o casal Adelina e António já perderam a conta aos prejuízos causados por aqueles animais nas culturas

FOTOS: RUI MANUEL FERREIRA / GLOBAL IMAGENS

no concelho vai acabar”, torna António.

Ambos concordam que era preciso unirem-se todos e irem Lisboa, “bater o pé a quem manda”. Já foram à Câmara de Montalegre falar com o presidente, Orlando Alves. Este está “sensível ao problema e às reclamações”. Foram reportadas ao Instituto de Conservação da Natureza e Florestas, mas até agora sem sucesso. “A diretora regional do Norte está do nosso lado, mas quando a informação chega aos muros da capital, tudo esbarra e volta para trás”, critica.

Orlando Alves vinca que “o javali é uma praga que destrói tudo à sua passagem”. Antigamente, “em quase todas as casas havia uma espingarda e havia gente com coragem para os

enfrentar”. Hoje, “as populações estão envelhecidas e demasiado expostas à voracidade do javardo”.

MAIS BATIDAS

Agricultores e autarca defendem que “as batidas ao javali sejam permitidas durante todo o ano”. “Os agricultores estavam entretidos, dinamizava-se a economia local e salvaguardavam-se os interesses destes resistentes”, frisa Orlando Alves.

A Câmara solicitou a harmonização do calendário português de batidas com o galego. “Eles começam a matar em agosto, nós só em outubro. Quando os javalis se sentem perseguidos lá, instalam-se do lado de cá, comem e bebem à tripa-forra e fazem desespertar os nossos agricultores”, conclui. ●

“Alasca” deixou o campo para ser “animal de estimação”

José e Michael pagaram multa de 192 euros por não terem alvará que custa 600 euros

ADOÇÃO A javalina Alasca não faz parte do ódio dos montalegrenses aos javalidos que destroem as culturas. Vive num armazém nos arredores da vila de Montalegre, é bem alimentada com rações e cereais diversos, é acarinhada e até ouve música.

José Baltelhas contou, ao JN, que a fêmea foi adotada há um ano. “Começou a andar por aqui sozinha. Tera dois meses. Pensei: ‘coitada, às tantas mataram-lhe a mãe’.

Estava cheia de fome e tinha o pelo a cair”. Teve pena e começou a alimentá-la com ração e milho. “Vinha comer e, pouco a pouco, habituou-se à minha presença. Um dia fui apanhá-la dentro do armazém, fechei a porta e passei a tomar conta dela”.

Hoje, “Alasca”, como foi batizada por José e pelo filho Michael, é como um cão. Não sai de junto deles, sempre em busca de festas e, sobretudo, comida. A gulosa pela-se por bolachas e batatas fritas. O “animal de estimação”, considera José, também sai. “Eu digo-lhe: ‘Alasca’, vamos correr os dois? E ela corre atrás de mim”.

Imagens de um destes passeios foram parar às redes sociais e num instante pai e filho tiveram as autoridades à porta. “Não sabemos que não podíamos ter um animal destes”. Mas o mal estava feito. “Eu e o meu rapaz estivemos duas horas a depor na GNR e a assinar papelada”. Pagaram 192 euros de multa, mas continuam com a “Alasca”, que já foi vacinada e desparasitada.

Michael Baltelhas refere que vão ter de pagar “600 euros pelo alvará” para oficializar a adoção. Tanto para a multa como para o alvará já há dinheiro. Foi conseguido através de donativos de pessoas que simpatizaram com a amizade ali gerada.

Às vezes, “Alasca” vai dar passeios maiores. Tão grandes que duram “dois ou três dias”. O medo de José é que “um dia não volte”. Ou então que a abatem. E também receia que durante esses passeios, sendo um animal meigo e em busca de afetos e comida, possa acerrar-se de alguém que ande a trabalhar no campo ou de um pastor e os assuste.

De resto, “só se não puder mesmo, senão vai morrer comigo”, assume Baltelhas. ● **EDUARDO PINTO**



“Alasca” vive numa corte com chão forrado a palha